

RELIGIAO, RELIGIOSIDADE, AULAS NAS ESCOLAS WALDORF

Edith Asbeck

Texto originalmente publicado no Periódico nº 52 da FEWB em abril de 2011

Para dar início a algumas considerações a respeito do ensino religioso nas Escolas Waldorf, recordemos, primeiramente, as colocações feitas por Rudolf Steiner a respeito desse assunto em particular e da proposta educacional da pedagogia antroposófica de modo geral. As palavras seguintes são um resumo e uma adaptação, o que não as deixa menos pragmáticas, pois são essencialmente básicas para todos aqueles educadores que se sentem chamados para a difícil, porém, gratificante tarefa do ensino religioso:

“A Ciência do Espírito não tem como meta única estudar a fundo o homem do ponto de vista das ciências, da moral e da religião, mas procura também por metas práticas para uso de todos os interessados em entender suas propostas, em inserir essas propostas em seu próprio íntimo, em transformá-las em ação e atitude e assim, como consequência de um trabalho interior sério, alcançar os resultados propostos.”¹

“Respeito profundo diante do misterioso ser da criança - respeito e gratidão não poderão estar separados, nesse caso - deve ser o início do procedimento do professor ao se aproximar da sua tarefa. Existe somente uma única atitude anímica em relação à criança, atitude que oferece os impulsos corretos para ensinar e educar; essa atitude anímica é a da religiosidade.”

“A questão educacional é, no fundo, uma questão do professor, no sentido de estar esse professor apto a solucionar o enigma do ser humano, na prática, junto à criança e ao jovem.”¹

“As três regras de ouro da Arte de Educar que precisam estar totalmente inseridas no pensar e no impulso do trabalho do professor, que não podem, absolutamente, ser apreendidas intelectualmente, mas sim, precisam ser absorvidas pelo homem em sua totalidade, são necessariamente:

Gratidão religiosa em relação ao mundo que se revela na criança, unido à consciência de que a criança representa um enigma divino que devemos resolver por intermédio da arte de educar.

Um método educacional exercido com amor por intermédio do qual a criança, instintivamente, se educa tendo a nós como referência, de maneira tal que não prejudicamos a liberdade da criança a qual deve ser preservada também ao ser o elemento inconsciente da força orgânica de crescimento.”²

“Uma criança que vivenciou corretamente a gratidão e o amor irá compreender, mais tarde, que o ser humano estará completo somente ao se considerar como alguém a executar a divina ordem universal, alguém que na existência terrena faz uso da bondade do universo. Se tivermos embasado a educação moral-ética na gratidão e com isso, de modo saudável, superado o egoísmo sem fazer uso de apregoações morais místicas ou por meio de sentimentalismos, se conduzimos a gratidão de maneira sadia, sem quaisquer resquícios sentimentalóides, para transformar-se em amor, então poderemos, como finalização, conduzir o jovem que ama o mundo à percepção de que o homem, como um todo, na sua configuração completa de corpo, alma e espírito, caso nado faça de si um portador do Bem, estará tão aleijado em seu espírito quanto é aleijada qualquer pessoa à qual falte uma perna.”²

“Se, diante do homem inserido no contexto do universo como um grande todo temos a

disposição de espírito correta para ver que nele está oculto um cerne imortal, então estaremos prontos a sentir diante da criança o profundo respeito, embora talvez seja tímido ainda, que é necessário para que, como professor e educador possamos nos aproximar da criança do modo correto. ”³

Aulas de Religião e Aulas de Religiosidade

Com o passar dos anos, muitas novas escolas foram criadas em terras brasileiras. As regiões em que algumas delas nasceram estavam impregnadas de crenças religiosas antigas permeadas de cristianismo moderno. As cidades multiculturais em que outras delas nasceram trouxeram para dentro da escola novas famílias sem qualquer fé religiosa ou vivendo misticismos alternativos. Diante do crescente mosaico colorido que hoje se configura nas salas de aula das Escolas Waldorf devido aos alunos que com eles trazem os resultados de diferentes ambientes culturais, diferentes condições econômicas e trazem também crenças religiosas as mais diversas possíveis, isso tudo acrescido do fato de que os representantes das confissões religiosas oficiais, como a Religião Católica e a Religião Protestante, às quais se referiu Rudolf Steiner em julho de 1924, já não se sentem chamados a ministrar o ensino religioso dentro das escolas, foi necessário abrigar nas aulas de Religião não apenas as crianças cujas famílias não têm religião definida ou se intitulam de ateias, mas sim, todas as crianças. Crianças de hábitos religiosos ditados pelo catolicismo, crianças de origem judaica, crianças cujas famílias seguem ramos do protestantismo ou da linha do espiritismo. Desse modo, não se mantendo mais o Ensino de Religião conforme instituído por Rudolf Steiner, não lhe sendo agregado o Serviço Religioso Dominical, como também sugerira Rudolf Steiner, para ainda assim, manter a integridade no que diz respeito aos caminhos a serem percorridos e à essência totalmente cristã, surgiu a Religiosidade. Essas aulas só ministradas como outras quaisquer aulas, sem divisão em grupos. Essas aulas estão alicerçadas no cristianismo puro. Essas aulas trazem em seu âmago a certeza de que o homem verdadeiramente completo é o homem moralmente bom e que o homem moralmente bom é permeado pela Religiosidade.

São passos das aulas de Religiosidade aqueles que conduzem a criança, nos seus primeiros dois anos de Ensino Fundamental, período em que aceita por amor à autoridade, por admiração pela pessoa amada, algo como sendo verdadeiro, belo e bom mesmo sem tê-lo compreendido, portanto, conduzem do amor e respeito pela Natureza, pela Criação surgida das mãos de Deus-Pai em direção à compreensão e respeito pelo ser humano, pelo “outro”, pela grande obra da Natureza.

Aceitar algo por amor à autoridade idolatrada é, porém, apenas uma fase que a seguir passa pelo período das perguntas não verbalizadas. Quando a criança tem entre nove e dez anos de idade, para aceitar a autoridade que lhe diz o que é bom, o que é belo e o que é verdadeiro, ela quer sentir, quer perceber o quanto são reais e profundos os conhecimentos da autoridade a esse respeito. As respostas corretas às perguntas não declaradas, dadas no momento certo, estabelecem a confiança. Despertar no momento certo o sentimento certo com a atitude anímica correta é despertar a confiança total no íntimo da criança que já não está mais devotamente entregue ao ambiente que a envolve. O novo despertar da sua alma exige a possibilidade de poder expressar novas sensações, esta é uma necessidade anímica. O que, anteriormente, era sensorio passa a ser anímico e se transformara em base para a religiosidade futura, fazendo da criança de hoje um ser humano religioso do futuro, no sentido verdadeiro, se for bem encaminhado.

Segue-se o período em que temos diante de nós o jovem que, pelas matérias do currículo, já se confrontou com a vivência do conflito, nascido em seu íntimo, entre a força divina a criar o universo e a conduzir o mundo, situação anteriormente vivenciada pelo adolescente e os conhecimentos a respeito dessa natureza e desse mundo por intermédio da ciência física-material

objetiva que o assombra. Podemos, diante desse jovem entre doze e quatorze anos, tocar com delicadeza as zonas conflitantes, pois, suas forças anímico-religiosas ainda estão presentes, ainda são vitais e podemos ajudá-lo a fazer essa passagem de modo que na idade adulta, para ele, o mundo não estará destituído do divino e lhe será possível encontrar a harmonia entre o Ser Criador Divino, o ser divino-espiritual do universo e a própria obra, a Natureza.

Se, na qualidade de educadores desenvolvemos em nosso íntimo sentimentos de verdadeiro amor, gratidão e respeito, estaremos em condições de também desenvolver na criança e no jovem os mesmos sentimentos, de modo que mais tarde o jovem adulto perceba e reconheça que na vida moral-ética reside aquilo que o eleva acima do meramente sensorial, da vida meramente física, que o eleva para a sua vida verdadeiramente espiritual. Na idade madura, a verdade, a ética, a bondade que a criança aceitou por amor a autoridade, que o jovem contestou, avaliou e aceitou por julgamento próprio, emergem do fundo da alma. A maturidade adquirida permite, agora, compreender a essência e a compreensão embora seja sutil e poucas vezes seja percebida, faz despertar na alma novas forças vitais intensas e sólidas.

Nessa última fase do Ensino Fundamental é por meio de biografias, de relatos da vida real que o adolescente percebe a atuação das forças cármicas e aprende a reconhecê-las e a respeitá-las.

Prazer e desprazer, simpatia e antipatia estão muito presentes durante esse longo período dos sete aos quatorze anos. Mas das muitas ferramentas que o professor tem à disposição entre contos, lendas, mitos e biografias, poderá de maneira artística escolher aquelas que considera adequadas para a idade, a estação do ano, a festa religiosa da época, aquelas que desenvolvem os sentimentos de moral e ética.

A maneira mais segura de desenvolver esses sentimentos de moral e ética, no dizer de Rudolf Steiner, é orientar nosso trabalho de professor de modo tal que a criança aprenda a desenvolver um único sentimento: gratidão!

Aulas nas Escolas Waldorf

Os contos de fada - tema, não somente, do 1º ano!

“Há muitas questões que fazem com que pareça temerário falar exatamente a respeito da arte poética dos contos de fada. Uma das questões é a localização de difícil acesso do ponto de origem do assunto a ser estudado, pois, de fato, a fonte na alma humana da qual flui a disposição espiritual dos contos de fada, a verdadeira disposição, precisa ser procurada em tal profundidade na alma que o método da pesquisa espiritual que, repetidamente tem sido mencionado por mim, deverá seguir por caminhos bastante complicados até se deparar com essa fonte. As fontes das quais flui a verdadeira disposição anímica para os contos de fada, com as qualidades de algo encantador que fala a nós através de séculos de evolução da humanidade, encontram-se em profundidade bem maior do que normalmente supomos...”⁴

Como as fontes, aparentemente quase insondáveis, da disposição espiritual para os contos de fada se encontram em profundezas misteriosas da alma humana, tornando difícil alcançá-las, conforme descrito acima, o caminho encontrado pelos seres do mundo espiritual para manter viva no ser humano essa fonte e sabê-la bem alimentada, foi estabelecer contato direto com a alma dos diversos povos, quando então a alguns representantes desses povos era atribuída a missão que fazia deles os portadores de mensagens espirituais, de verdades espirituais que se tornaram acessíveis a todos por meio das vestimentas da linguagem imagética. Para que pudessem ser entendidas e recebidas como mensagens e lembranças do mundo no qual todos nós passamos nossa existência fora do corpo físico, as vivências, os encontros revestidos com as roupagens

usadas na transmissão tanto oral quanto pictórica, deveriam ser pouco complexas. O uso de processos materiais, de formas materiais de pessoas, animais, plantas, de locais, de qualidades específicas das estações do ano, surgem nos contos de fada para que possa ser oferecido aquilo que deverá ser um alimento espiritual. E embora, hoje em dia, estejamos bastante distante das vivências da alma de um povo todo, podemos sentir as mensagens reverberando nessas imagens dos contos de fada.

Assim, os contos de fada são resultado, conforme descreve D. Udo de Haes em seu livrinho a respeito da Educação Infantil, de experiências que tiveram pessoas do povo quando se encontravam nos estados intermediários de consciência, tendo saído do estado de consciência onírica, mas, não tendo ainda atingido a consciência diurna.

Do mesmo modo os grandes mitos divinos são a representação daquilo que os iniciados vivenciaram no plano astral e planos superiores.

A criança pequena, em seus primeiros sete anos de vida, ou digamos, até a troca dos dentes, fato que hoje em dia ocorre bastante cedo, está muito próxima ainda do seu “lar” espiritual. Podemos até mesmo dizer que ela vive em dois mundos: o mundo terreno, sensório no qual paulatinamente se encarna, do qual, paulatinamente, toma posse e o mundo celeste, espiritual, no qual ainda está imersa em grande parte e do qual, paulatinamente, se distancia. A linguagem imagética dos contos de fada representa a vivência natural da criança antes do nascimento, vivências de uma longa “vida” anterior ao nascimento. As saudades dessa fase só aplacadas ao imergir nos conteúdos dos contos de fada. Ao mesmo tempo esses contos constroem uma ponte de um reino para outro. A alma do ser humano na fase da infância reencontra — nessa linguagem que relata acontecimentos cósmicos por intermédio de metáforas — a substância de que necessita para abrigar seus tesouros celestes. Essa linguagem lhe oferece um lugar seguro para abrigar os tesouros, o bem espiritual que trouxe ao descer dos mundos superiores para se encarnar em um corpo físico aqui na Terra.

Quando a criança é inserida no Ensino Fundamental, sua condição anímico-espiritual que se desvincula da religiosidade-natural, da religião- corporal (como é chamada por Steiner), vigente no período que precede a troca dos dentes de leite pelos dentes efetivos, o seu corpo etérico em fase de emancipação do corpo físico, onde encerra em grande parte sua atividade plasmadora, fica livre para outras atividades. A religião-natural se retrai porque o anímico-espiritual se emancipa do físico. Devemos então criar as pontes necessárias para a alma infantil manter o contato com o cosmo.

Para fazer a escolha do conto de fadas a ser contado em sala de aula, necessitamos ter como base os mistérios, no sentido espiritual cultural, de um povo. A linguagem imagética usada tem sempre as mesmas figuras para as mesmas situações anímico-espirituais, contudo, as nuances diferem de um povo para outro. Os mesmos temas que surgem nos “Contos dos Irmãos Grimm” podem ser encontrados em “Contos brasileiros”, por exemplo, no conto da “Gata borralheira”, mas a jovem não “vai” simplesmente ao baile do filho do rei, ela é conduzida em uma abóbora. Precisamos estar muito atentos aos significados DE CADA DETALHE. É bem diferente a imagem da jovem que “vai” ao baile simplesmente e a imagem da jovem que é conduzida em uma abóbora, por mais brasileiros que sejam esses frutos. E bem diferente estar ao lado de uma avelaneira, um pé de zimbros ou de uma palmeira! Os contos de fada romenos, húngaros, eslavos de um modo geral, são bem apropriados para essa idade, fazem a transição para o mundo em que a personalidade se firma dando nomes aos personagens que já nos fazem perceber suas condições. Os contos de fada russos se aproximam dos mitos por mencionar reinos que representam a Idade do Ferro, a Idade do Ouro, por exemplo. São estados de consciência evolutivos pelos quais passa a humanidade como um grande todo e cada indivíduo, em particular, refaz esses passos, como bem sabemos.

Histórias da natureza - sempre presentes e imprescindíveis

Nesse processo de paulatino conhecimento de tudo que perfaz o ambiente que a rodeia, a criança tem, desde pequenina, perguntas profundas quando a simples contemplação de fenômenos da natureza lhe traz memórias pouco claras. Contemplar uma poça d'água pode ser feito durante minutos seguidos, observar um animal marinho a se mover numa pequena lagoa de água salgada pode evocar lembranças que serão acompanhadas por vários minutos, olhar perdido...e a seguir vem a pergunta do porquê? Mas essa fase das primeiras indagações já ficou distante no tempo quando a criança ingressa no Ensino Fundamental. Porém, a sede por conhecimentos aumentou, no entanto, as respostas que deseja ouvir não são explicações científicas da física, da química, da botânica ou da zoologia. Quem pergunta é a alma, não o intelecto que está apenas despertando.

Assim sendo, as respostas estão nas pequenas lendas a respeito de como surgiram as rosas, as ametistas, o arco-íris ou aquele imenso rio caudaloso. Também aqui há muitas lendas entre as quais deverão ser escolhidas aquelas que percebemos mais adequadas para aquele determinado grupo de crianças. E deverá ser com muito cuidado que o professor se aproxima desses conteúdos, carrega-os amorosamente em seu íntimo por longo tempo e somente então, quando se sente em condições de lhes dar continuidade tanto quanto criar para eles uma introdução diferente, eles estarão vivendo em sua alma, ele terá lhes dado nova vida e alcançará, ao relatá-los, o âmago da alma infante-juvenil.

- **Estações do ano — Festas Cristãs**

Devemos despertar nas crianças um sentimento, uma percepção em relação às estações do ano!?

No etérico da Terra está o Cristo. Em cada um dos elementos está o Cristo. O encontro da criança com o Cristo, muito antes de vir a conhecê-lo com figura bíblica, acontece por intermédio da Natureza. A Natureza se revela ao nosso olhar, aos nossos sentidos de modo bem característico na vestimenta das estações do ano. E cada uma das estações do ano envolve amorosamente uma festa cristã. A própria palavra já diz: festa cristã.

De que modo as antiquíssimas festas da sementeira, da colheita, do renascer das forças etéricas para fazer desabrochar com pujança o grão semeado, esmaecidas com o decorrer do tempo, enfraquecidas pelo afastamento de conhecimentos mediúnicos diante da aquisição da intelectualidade, do conhecimento, da consciência individual extinguindo a consciência coletiva, sobreviveram na humanidade? Para que esses momentos marcantes do relógio que sinaliza as épocas do ano pudessem ser introduzidos na humanidade, foi necessário o nascimento de Cristo Jesus e foi necessário o evento do Mistério do Gólgota. Se esses dois acontecimentos não tivessem incidido na evolução da humanidade, essas festas não teriam sentido mais. E se hoje em dia se evidencia um crescente apagar dos conhecimentos que tornam esses momentos — Natal e Páscoa — verdadeiros marcos da vida cristã, talvez devêssemos intensificar nossa compreensão a esse respeito.

“A natureza benigna providenciou de modo que em qualquer parte você encontre algo para aprender!” Leonardo da Vinci. Aqui vemos, mais uma vez, que não há necessidade de compêndios com longos parágrafos que expressem com inteligência aquilo que o professor deve ou não deve fazer. Trata-se, simplesmente, do que o professor consegue alcançar. E para levá-lo a desenvolver tudo quanto consegue, não há necessidade de uma série de apostilas sobre educação ou educação religiosa, mas, conhecimentos do ser humano a respeito do outro ser humano, o interesse verdadeiro pela vida, pela vida do ser humano em sua totalidade. ⁵

- **Mitos**

Já os grandes mitos nós podemos desvendar se adotamos como base a abrangência dos grandes acontecimentos cósmicos, a evolução cósmica. Mitologia nórdica, mitologia grega, por exemplo, são resultados da contemplação dos grandes momentos evolutivos. Mitos em torno de personalidades falam das suas evoluções pessoais. Em vários mitos se evidencia que determinadas pessoas são espertas e por meio dessa esperteza vencem as forças toscas, forças brutas sem lapidação que, não sendo vencidas reinariam na vida humana. Com um passo evolutivo a mais, tornou-se consciente em nós uma força capacitada a dominar as forças brutas por intermédio da inteligência agora conquistada. São as metas da humanidade conquistadas passo a passo, a autoconsciência manifesta que surge paulatinamente. Entendimento. Avaliarão. Juízo próprio. Aceitação e o trabalho em conjunto com as forças espirituais na plasmação do próprio carma individual e humano coletivo.

Aqui estamos próximos da maturidade.

Na escolha dos assuntos a serem tratados em aula com os jovens, os adolescentes, pode ser de grande auxílio observar em detalhes a diferença não só de maturidade entre as jovens, belas mocinhas e os corajosos “mancebos”, mas as diferenças de todas as manifestações anímicas das quais a aparente defasagem de amadurecimento é apenas a consequência. As relações morais e religiosas que, nessa faixa etária, já devem ter sido desenvolvidas e devem estar integradas ao íntimo dos jovens, são sempre elementos a fortalecer o corpo astral e o eu. O astral e o eu enfraquecem quando os impulsos morais e religiosos têm pouca vitalidade. Se na criança a falta de sensações morais e religiosas pode conduzir até mesmo ao enfraquecimento do corpo físico, no jovem a ausência ou a pouca consistência desses sentimentos pode ter como consequência irregularidades da vida sexual. (Steiner-GA 302 Palestra de 16/ 06/1.921). Contudo, precisamos estar atentos às necessidades das meninas quanto ao emocional: elas devem sentir alimentados seus valores estéticos diante de tudo que é religioso, moral e ético; devem ter simpatia pela religiosidade que permeia o mundo e sua fantasia deve ser alimentada por imagens que revelem a beleza do ser humano que é bom e moralmente correto. Os meninos devem receber imagens que despertem o conhecimento da força que age na vida religiosa e na moral, a da força que destes emana conduzindo a coragem para atuar condizentemente no mundo.

- **Destino - Biografias**

Se o uso autônomo da volição no que diz respeito a fazer julgamentos, formação de juízos for incitado precocemente, passos esses que são estimulados pelo anseio dos adultos em encontrar caminhos modernos de educação para que o jovem tenha garantido seu sucesso no mundo (estéril) dos adultos, por consequência, cedo demais serão atingidas funções ocultas do querer, o que será de grande prejuízo para o ser humano pela vida toda. Isso ocorrerá principalmente ao serem colocados sob julgamento pessoal, precocemente, os impulsos morais e os impulsos religiosos. Até a fase púbere, a criança deve aprender a ser moralmente correta e a ser religiosa por meio da influência da autoridade amada. Somente com a puberdade o ser anímico-espiritual do homem começa a libertar-se e podemos então deixar que o jovem tenha seus próprios julgamentos. Ouvir a respeito do destino de pessoas, célebres ou não, estimula no adolescente a comparação com suas próprias vivências, com os seus sonhos para o futuro, com os seus medos, suas decepções tanto quanto com as conquistas feitas e as vitórias alcançadas. Numa fase da vida em que todo ser humano se sente só, incompreendido e abandonado, é esse destino alheio que o conforta e inspira. Ao avaliar e formular seus próprios conceitos e fazer seu julgamento pessoal, caso tenha sido encaminhado da maneira correta nos anos precedentes, ele terá como apoio as três virtudes básicas e aquilo que pode viver no querer ser grato, no querer amar e na vontade de assumir seu dever, ou seja, seu próprio destino.

Exemplos vivos, as biografias, trazem para a sala de aula a possibilidade de trocas maduras de opinião, o desfazer de preconceitos que cedo foram instalados na alma da criança, o estímulo para a ação, a contribuição sincera e honesta no trabalho que é missão em cada encarnação nossa: de maneira correta modificar a configuração do semblante do planeta. Essa missão se concretiza a partir do amor. Esse amor, acrescido do sentimento de gratidão universal, amor e gratidão por cada manifestação da natureza, por cada momento da vida, são a base da verdadeira religiosidade do homem. Desenvolver a compreensão para o carma, contemplando o carma paterno e materno como aqueles próximos e diretamente ligados com o próprio carma, aceitar o carma — não com submissão, como pode acontecer em outras crenças religiosas — mas sim, com reverência pelos seres espirituais que estão e sempre estiveram ativos na plasmação do mesmo e, paulatinamente, vislumbrar — ainda há vários passos a serem dados até alcançar o entendimento — a magnanimidade dos deuses são metas do último período de aulas no Ensino Fundamental.

Hoje, a religião perdeu a legitimidade de fortalecer o homem até a sua parte física, como vimos acontecer ainda em períodos não muito distantes, sendo essa situação o resultado da retração espiritual do homem durante séculos. A tentativa de estabelecer novamente um contato com os mundos superiores é caminho consciente de cada um. No entanto, cabe ao educador, fazendo uso criterioso das ferramentas que a Ciência do Espírito lhe oferece, ajudar a construir ou a reconstruir as pontes.

“Bom Deus, faça com que eu possa me apagar completamente em relação às minhas ambições pessoais”.

“Cristo, faça com que em mim se tornem verdadeiras principalmente as palavras de Paulo: ‘Não eu, mas o Cristo em mim!’

Não só o professor de Religião ou de Religiosidade, mas, principalmente o professor dessa área, traz o verdadeiro sentido dessas palavras como lema em seu escudo!

- **Palavras finais**

Talvez essa venha a ser a melhor renovação religiosa: quando falamos em zelar pela vida religiosa de maneira adequada dentro das escolas, apenas apelando às disposições naturais primordiais. Então se torna possível combater aquilo que, atualmente, movido pelo tempo e pelas ideias que circulam, atua em meio aos jovens e crianças trazendo esclarecimentos híbridos, sem religiosidade autêntica.

“Quem possui Ciência e Arte,
tem também Religião.
Quem não possui aqueles dois,
que tenha religião!”

- **Notas complementares**

a) Muitos contos de fadas, contos a respeito de elementos da natureza, muitas lendas foram escritas por pessoas maravilhosas que haviam encontrado o caminho para a Antroposofia. Falo de Elisabeth Klein, Jacob Streit, Georg Dreissig, Herbert Hahn, Michael Bauer, Edda Lindgrün-Zorn como aqueles cujas obras já foram, em grande parte, traduzidas para o português. Em breve alguns desses tesouros estarão sendo publicados.

b) Há contos de fada, lendas e mitos oriundos de povos da China, da Índia e do mundo árabe que no só estão permeados das três virtudes acima mencionadas, de modo tal que os sentimos em nossas almas os recebem como sendo representantes perfeitos do cristianismo por serem

verdadeiros em sua essência, mas, há entre os contos árabes aqueles que falam diretamente de “Ishia” que é o nome de Jesus.

c) Existem contos que são classificados como contos de fada que, no entanto, não devem ser contados às crianças pequenas. Vários são apropriados para crianças com mais de sete anos. Outros tantos, em sua linguagem imagética forte, não seriam “metabolizados” nem mesmo por crianças de oito ou nove anos. Como sempre, prevalecerão o bom senso e as qualidades anímico-espirituais do educador ao fazer a escolha!

A autora: Edith Asbeck, a primeira professora do idioma português, contratada após a fundação da então Escola Higienópolis (Atual Escola Waldorf Rudolf Steiner no Brasil). Conduziu algumas classes, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde fundou um Jardim de Infância Waldorf; retornando a São Paulo, voltou a atuar na EWRS como professora de classe e assumindo o trabalho de tutora de escolas novas. Sempre empenhada no aprofundamento da matéria do ensino de religião, fez inúmeras traduções e compilações de material didático para o ensino na pedagogia Waldorf.

Bibliografia

1 - Rudolf Steiner GA

2 - Rudolf Steiner GA 305 “As Forças Anímico-Espirituais Básicas da Arte de 3 - Educar”, Oxford, 19/8/1922

3 - Rudolf Steiner GA 301 “A renovação da arte didático-pedagógica por intermédio da Ciência do Espírito”, Basel 26/5/1920

4 - D. Udo de Haes “As Cirandas de Ontem e de Hoje”

5 - Rudolf Steiner GA309 “Pedagogia Antroposófica e suas Premissas”, Berna, 14/4 1924